

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO RANGEL PESTANA: LUGAR DE MEMÓRIA E TRADIÇÃO NA FORMAÇÃO DOCENTE EM NOVA IGUAÇU¹

Olga Marinho Paiva²

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar um pouco sobre a história do Instituto de Educação Rangel Pestana, locus privilegiado da formação docente em Nova Iguaçu, município da Baixada Fluminense. O artigo focaliza em parte da trajetória histórica da instituição, partindo da criação do Grupo Escolar em 1930, passando pela década de 1960, momento em que se cria o Instituto, até os dias atuais, tendo como destaque o final da década de 1970, quando a instituição muda de nome, assumindo a denominação do grupo escolar que lhe deu origem. Utilizou-se a categoria experiência, conforme entendida pelo historiador Edward Palmer Thompson (1981). Foi utilizado o paradigma da história oral, segundo a perspectiva de Alberti (2004) e Lozano (1996). Desta forma, o trabalho em questão infere, através da análise documental e das entrevistas produzidas, que o Instituto de Educação Rangel Pestana apresenta-se como um espaço de memória e tradição na formação de professores no município de Nova Iguaçu.

Palavras-chave: Instituto de Educação Rangel Pestana; história das instituições escolares; curso normal.

ABSTRACT

The present work aims to present a little about the history of Instituto de Educação Rangel Pestana, privileged locus of teacher education in Nova Iguaçu, a municipality of Baixada Fluminense. The article focuses on the historical trajectory of the institution, starting with the creation of the School in 1930, through the decade of 1960, at which time it is created the Institute, until the present day, and featured the late 1970, when the institution changes its name, assuming the name of the group that the school gave

¹ Agradecimento especial à Professora Sônia Lopes, orientadora de minha dissertação e a Amália Dias e Nielson Bezerra pelo convite a escrever este artigo.

² Mestre em Educação – UFRJ.

rise. We used the category experience, as understood by the historian Edward Palmer Thompson (1981). We used the paradigm of oral history, second the prospect of Alberti (2004) and Lozano (1996). In this way, the work in question infers, through documentary analysis and interviews produced, the Instituto de Educação Rangel Pestana presents itself as a space of memory and tradition in the training of teachers in the municipality of Nova Iguaçu.

Keywords: Instituto de Educação Rangel Pestana; history of educational institutions; teacher vocational course.

O presente artigo tem origem em minha dissertação de Mestrado, defendida em março de 2012, orientada pela Prof^a Dr^a Sônia de Castro Lopes, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Situa-se no campo de pesquisa da História da Educação, tendo por objetivo apresentar um pouco da trajetória histórica do Instituto de Educação Rangel Pestana.

O campo de investigação, o atual Instituto de Educação Rangel Pestana, está localizado no centro da cidade de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. Ele foi criado em 1933, com o nome de Grupo Escolar Rangel Pestana, oferecendo o 1º segmento do Ensino Fundamental. Um anexo foi construído para abrigar o segundo segmento e o Ensino Normal. Em 1966, surgiu o Instituto de Educação de Nova Iguaçu, que posteriormente recebeu o nome atual.

A escolha desta escola se deve à importância da mesma no município de Nova Iguaçu, do qual sou moradora, por ser reconhecida pela população local como uma instituição de qualidade e por ser referência na formação de professores do município, atendendo não só os moradores locais, mas também moradores de vários outros municípios da Baixada Fluminense.

Segundo Mendonça e Xavier (2009), desde as últimas décadas do século passado, o estudo das instituições educacionais, em especial das instituições escolares, tem se revelado um filão para os pesquisadores. No campo da investigação educacional, não podemos dissociar a história da educação da história das instituições escolares, na medida em que estas se configuram “como espaços sociais com algumas características próprias, que só poderão vir à tona caso se trabalhe nessa perspectiva” (CHAVES e LOPES, 2009, p. 8). Como afirma Magalhães (1996, p. 2), “Compreender e

explicar a existência histórica de uma instituição educativa é (...) sistematizar e (re)escrever-lhe o itinerário de vida na sua dimensionalidade, conferindo um sentido histórico”.

Para reconstituirmos a trajetória histórica da instituição, partiu-se, inicialmente, de uma pesquisa bibliográfica que procurou levantar a produção sobre o tema, incluindo teses, dissertações, livros, artigos e também documentos legais obtidos nas páginas da Web. Num segundo momento, utilizei-me da pesquisa documental, investigando os arquivos da instituição (Instituto de Educação Rangel Pestana – IERP).

Infelizmente, como nos alerta Miguel (2007, p. 31) “o estudo das instituições escolares por meio dos documentos que registram sua história nem sempre está à disposição do pesquisador de forma organizada e em arquivos, raramente os encontramos disponíveis para consultas”. Ao longo desta pesquisa tivemos dificuldade em encontrar registros, arquivos, documentos oficiais e até fotos que nos ajudassem a reconstituir a história desta instituição.

Contudo, recorreremos à metodologia da História Oral³, não apenas pela escassez documental, mas também por considerar que as impressões obtidas através dos relatos orais dos atores que colaboraram na constituição daquele espaço como instituição formadora de professores seriam de grande importância para a tarefa de historiá-la.

Para entender o prestígio da escola na região, além de tentar compreender um pouco mais da história institucional, foram realizadas entrevistas com professoras, algumas egressas da própria instituição como alunas. Busquei, em suas memórias, elementos para traçar um pouco da história que o acervo documental não me permitiu vislumbrar. Entretanto, levei em consideração o fato de que a memória é um processo vivido, conduzido por grupos vivos, portanto, em evolução permanente e suscetível a manipulações (NORA, 1993).

³ Trata-se de “um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo” (ALBERTI, 2005, p. 18).

Ouvir o relato dos sujeitos diretamente envolvidos com a instituição foi fundamental para melhor entender a trajetória histórica da mesma, além de me mobilizar para a realização de uma análise acerca das percepções que esses atores partilham acerca das ideias, valores, conhecimentos e saberes que compõem a cultura escolar do IERP.

A partir dessas considerações, emergiu com força na pesquisa a categoria *experiência*, tal como pensada pelo historiador inglês Edward Paul Thompson. Para o autor, as experiências vividas e as práticas compartilhadas por membros de um mesmo grupo acabam por construir o processo de identidade desse grupo. Os valores que permeiam essa identidade não são pensados, mas vividos.

Através da metodologia aqui exposta, busco desvendar memórias e histórias de uma escola significativa para o município em que se localiza, tomando-a como lugar de memória, pois, como sugere Nora (1993), os lugares de memória são construções históricas, nas quais seus documentos e monumentos revelam os processos sociais, os conflitos, as paixões e os interesses que os constituíram.

A história do IERP se inicia com a criação do Grupo Escolar Rangel Pestana, na década de 1930. Foi criado através do parecer nº 230, do Conselho Estadual de Educação, em 22 de janeiro de 1930 e recebeu a denominação através do decreto nº 2676, conforme Diário Oficial de 17 de novembro de 1931, em homenagem a Francisco Rangel Pestana em um período de grande desenvolvimento do município de Nova Iguaçu. A criação do grupo se dá durante o primeiro governo de Vargas (1930/1945), que, inclusive esteve presente na cidade de Nova Iguaçu meses antes da criação do Grupo Escolar para a solenidade de lançamento da pedra fundamental do Hospital de Iguaçu (junho de 1931).

Sobre a criação de Grupos Escolares no Rio de Janeiro, Alessandra Schueler (2010, p. 6) afirma que “(...) no que se refere ao Estado do Rio de Janeiro, já na década de 1890, encontramos as primeiras menções à escola primária graduada, então identificada como modalidade de grupo escolar”. Essa iniciativa coincidiu com o momento das reformas de instrução pública, realizada tanto no estado de São Paulo quanto na cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal.

Observa-se aí a influência exercida pelo *modelo escolar paulista* na constituição da forma escolar moderna no país que certamente pode estar relacionado

à própria centralidade ocupada por São Paulo no cenário político da primeira República. (SCHUELER, 2010)

A criação de grupos escolares só foi intensificada a partir da década de 1910 e na década de 1920 é que, de acordo com a autora, a iniciativa de abertura de grupos escolares se expandiu pelo interior fluminense, mas ainda assim não houve ampliação da rede. Dados obtidos em sua pesquisa revelam em 1932 o quantitativo de 72 grupos escolares. Sendo assim, o estudo do Grupo Escolar Rangel Pestana torna-se relevante, uma vez que se têm registros de que o mesmo se estabelece no ano de 1931, o que acarreta para a então vila agrícola de Iguazu, prestígio e notoriedade.

Schueler (2010) também infere que a expansão da escola primária no interior do estado do Rio de Janeiro, bem como a riqueza dos debates e iniciativas dos governos que a cerca, não têm sido objeto de estudo da História da Educação, já que a maior parte das pesquisas existentes focaliza a capital da República, ou seja, a cidade do Rio de Janeiro. Segundo a autora, “a própria memória dos grupos escolares e das escolas primárias do período republicano permanece na penumbra” (p. 2).

Avalio que talvez por isso tenha sido tão difícil achar relatos, documentos e fontes sobre a história da educação de Nova Iguazu para fazer essa pesquisa. No próprio local onde funcionou o antigo grupo escolar e hoje Instituto de Educação Rangel Pestana, além do difícil acesso aos arquivos, foram encontrados pouquíssimos dados que pudessem nos ajudar a reconstruir a história desse grupo escolar. O que encontramos na escola é muito posterior à década de 1930, quando o mesmo foi criado.

Por isso, recorrendo à memória das professoras entrevistadas, podemos caracterizar o Grupo Escolar Rangel Pestana somente a partir da década de 1960, quando algumas depoentes, como Sada David e Marli Raia já eram professoras. Outro depoimento, de uma ex-aluna e atual professora do IERP, Eliete Fernandes Ângelo, nos forneceu pistas sobre a história da escola no final daquela década, uma vez que ingressou como estudante no Grupo em 1968.

O Grupo Escolar Rangel Pestana recebeu o nome de um ilustre filho da cidade perfume. Francisco Rangel Pestana nasceu em 26 de novembro de 1839, na época em que o atual município de Nova Iguazu era conhecido como Vila de Iguassú, que à época

era ainda uma produtiva vila agrícola. Era filho de João Jacinto Pestana e Luíza Rangel Pestana.

Mesmo tendo uma origem modesta, Rangel “cumpru a trajetória escolar destinada a assegurar carreira e ascensão social aos meninos que se sobressaíam intelectualmente em seu meio” (HILSDORF, 2002, p. 388).

Pestana exerceu cargos de importância nos Governos federal e estadual de São Paulo, como Vice-Presidente (1892) e depois Presidente do Banco do Brasil (1895), Deputado (1897) e, por último, Senador pelo estado do Rio de Janeiro (1899).

Além de sua notória importância como jurista, político e jornalista, Pestana também tem sido reconhecido como um educador, pois

Além de educador na imprensa, Pestana envolveu-se diretamente com as instituições de ensino: foi educador na escola. Dirigiu e lecionou em colégios de preparatórios tradicionais, como o Almeida Martins, no Rio de Janeiro (1872- 1873), e o novo Colégio Mamede, em São Paulo (1879); porém, na maior parte do tempo, atuou em escolas inovadoras que, em todas as suas vertentes – a popular, a feminina, a leiga e positivista, e a secundária de ensino regular seriado – funcionaram como espaço de resistência às formas oficiais e ensinaram versões da pedagogia moderna do século XIX: foram geradoras de inovações pedagógicas e sociais. (p. 393)

Em 1873, na Corte, Rangel Pestana foi responsável pela organização e direção da Escola do Povo, “com o objetivo de ‘dar ao País uma instrução real, civil e científica’ (*A República*, 3/8/1873)”. Essa escola ministrava aos trabalhadores de ambos os sexos ensino regular de primeiras letras e formação no pensamento democrático positivista em cursos avulsos, noturnos. (p. 391).

O educador e político também aparece na literatura da historiografia pedagógica tradicional associado à reforma da Escola Normal de São Paulo em 1890, porém a famosa reforma não leva o seu nome, inspirador da mesma, mas, sim, de seu realizador Caetano de Campos.

Francisco Rangel Pestana faleceu em 17 de março de 1903, sendo enterrado no Cemitério da Consolação, em São Paulo. Como apontaram os estudos de Hilsdorf (1988, 2002), Francisco Rangel Pestana é muito mais reconhecido como jornalista político e propagandista da República do que como educador, porém de acordo com a autora (1988, p. 19) à época em que ela produzia sua monografia, começavam a

aparecer trabalhos na área de história da educação brasileira procurando alargar esta visão e evidenciando a importância da atuação de Rangel Pestana, que mesmo sem ser paulista, estabeleceu uma enorme ligação tanto com a vida cultural e política de São Paulo quanto com a pedagógica.

Em relação ao nome dos grupos escolares, Schueler (2010, p. 6) remete-se à Mensagem Presidencial de 1897 à Assembléia Legislativa, na qual o Presidente do Estado do Rio de Janeiro, “(...) Fez menção ao Art. 84, do Regimento Interno das Escolas Públicas do Estado de São Paulo, pelo qual cada grupo escolar poderia ter denominação especial, homenageando cidadãos que contribuíssem para o desenvolvimento da educação popular”.

A princípio, segundo a entrevistada Sada Baroud David,⁴ o Grupo começou a funcionar em uma casa de dois andares na Avenida Marechal Floriano e só depois foi remanejado para o atual endereço na Rua Doutor Luiz Guimarães, antiga Rua Treze de Maio, no número 218. Essa informação sobre o funcionamento da escola em outro prédio, anterior ao construído em 1944, não foi encontrada em documentos oficiais, porém a entrevistada Marli Raia⁵ (professora na Instituição desde a década de 1960) também relatou este fato.

A primeira diretora do Grupo Escolar Rangel Pestana foi Venina Corrêa Torres. Nascida em 17 de dezembro de 1891, em Niterói, no Estado do Rio de Janeiro. Filha e neta de professores do século XIX, formou-se na Escola Normal de Niterói no ano de 1908. Dona Venina começou a trabalhar no magistério estadual como professora em Paracambi, sendo posteriormente nomeada para dirigir o Grupo Escolar Rangel Pestana. No Grupo exerceu o cargo de diretora até o ano de 1942, quando se aposentou. Faleceu em 8 de fevereiro de 1950 .

O prédio próprio do antigo Grupo Escolar Rangel Pestana começou a ser construído em 1944 e foi tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC)⁶, pois tem um estilo considerado legitimamente nacional, o estilo neocolonial brasileiro, em consonância com a ideologia nacionalista vigente à época, o Estado

⁴ Sada David. Entrevista concedida à autora em 11/10/2011. Sada começa a trabalhar no Grupo Escolar já na década de 1960, porém já era moradora do município de Nova Iguaçu à época da criação do Grupo.

⁵ Marli Raia. Entrevista concedida à autora em 27/09/2011.

⁶ Número do Processo: E-12/0.117/89; Tombamento Provisório: 12.06.1989.

Novo. De acordo com o que consta no processo de tombamento, o prédio conta com uma decoração semelhante ao chamado estilo *missiones* ou *mission style* muito propagado no continente americano.

Como relata Schueler (2010, p. 9):

(...) a criação, difusão e legitimação dos grupos escolares no contexto fluminense tem especificidades. Predominavam aqueles com arquitetura que os diferenciava de um modelo de casa escola (unitária). Intentava-se instalar certa “modernidade pedagógica”, representada na suntuosidade estética dos edifícios, o que também era visível nas construções paulistas.

O Grupo escolar foi crescendo, entremeando-se aos acontecimentos políticos e econômicos que agitaram o município de Nova Iguaçu. Com a Segunda Guerra Mundial, ocorreu o fim do ciclo da laranja, pois as exportações foram interrompidas e desta forma a citricultura foi abandonada, obrigando os produtores de laranja a lotearem seus terrenos. Os compradores dividiam-se em empresários que queriam expandir suas indústrias e trabalhadores atrás de moradias de baixo custo, porém bem localizadas à medida que estavam próximos aos meios de transportes ferroviários ou rodoviários para o centro do Rio de Janeiro. Nova Iguaçu, que outrora servia como escoadouro de produção agrícola, passou a levar a maior parte desta população de trabalhadores para o centro, para servirem de mão de obra, tornando-se uma grande cidade-dormitório.

Com tudo isso, o grupo escolar teve um expressivo aumento do número de alunos e professores, pois atendia aos alunos de quase todos os bairros de Nova Iguaçu que hoje são municípios emancipados e vizinhos como Belford-Roxo, Nilópolis e Mesquita. Funcionava com turmas do antigo curso primário e possuía um grande prestígio no município, tanto que atendia em grande escala à classe média de Nova Iguaçu, que em sua maioria residia no centro desta cidade.

De acordo com o relato das entrevistadas citadas anteriormente, conseguir uma vaga no Grupo Escolar Rangel Pestana era algo concorrido, tanto uma vaga de aluno, quanto para uma vaga de professor. De acordo com Sada David, só se conseguia uma vaga “quando morria ou quando se aposentava algum professor.” Essa foi a realidade que vivenciou, pois apenas conseguiu vaga no Grupo após a aposentadoria de uma professora. Para os que desejassem uma vaga como aluno do Grupo Escolar,

Eliete Ângelo nos relatou que era necessário que parentes se revezassem em uma grande fila.

Sada David, docente nos anos 1960, também nos fala sobre a grande procura pelo Grupo Escolar naquela época, dizendo que sua pauta de alunos tinha até o número 50. Ela relata ainda que muitas famílias de Nova Iguaçu estudaram lá. Sada também nos contou que a escola tinha um *status*, por ter uma qualidade reconhecida, pois tinha professores concursados e que o grupo atendia uma “nata” iguaçuana, mas também alunos de periferia.

As entrevistadas também relataram que na frente do enorme prédio aconteciam festas típicas como as juninas e festas religiosas. O grande campo servia também para perfilar os alunos. Contaram ainda que a escola tinha um forte apelo religioso, já que até cerimônias de primeira eucaristia eram realizadas no campo da escola.

Sobre a organização escolar e as práticas cotidianas do Grupo, Sada relata que eram feitos testes para o ingresso dos alunos, pois os mesmos muitas vezes já vinham alfabetizados ou já tinham conhecimentos compatíveis com os conteúdos da segunda série, pois eram ensinados por professores particulares. Os testes serviam então como uma espécie de nivelamento. Ela conta ainda que muitas crianças se assustavam quando vinham dessas aulas particulares e tinham que se adequar a uma rotina escolar. Relata também que cada série do Grupo tinha uma coordenação e que ela respondia pela coordenação da 5ª série.

E era por seu corpo docente que Sada afirma que o “grupo escolar construía uma tradição de excelência no ensino”, pois segundo ela as professoras que iam dar aula lá inicialmente, eram formadas pela Escola Normal de Niterói e o Grupo Escolar era o mais importante de Nova Iguaçu.

Pude perceber durante o processo de entrevistas que por vezes as entrevistadas atribuem a importância do IERP a uma tradição. O que seria “ser uma escola de tradição”? Quais os sentidos que se atribuem no momento em que caracterizamos um espaço como sendo “de tradição”?

Entendo que, ao longo de sua história, o IERP foi *construindo uma tradição*, ou *inventando* essa tradição, se tomarmos por referência a forma como Hobsbawm entende as “tradições inventadas”:

(...) Na medida em que há referência a um passado histórico, as “tradições inventadas” caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial... Elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória (HOBBSAWM, 1984, p. 10).

Diante do exposto, consideramos que nos remeter à história do Grupo Escolar, ainda que com uma grande ausência documental, foi fundamental para entender a questão central desta pesquisa, pois percebemos que, desde suas primeiras décadas, a escola já era muito requisitada pela população local.

No início da década de 1960 começou a ser construído o prédio do Instituto de Educação de Nova Iguaçu (IENI), instituição criada através do decreto nº 4.929, de acordo com o Diário Oficial de 6 de dezembro de 1961. O IENI foi construído no mesmo terreno do Grupo Escolar Rangel Pestana, mas segundo relatam as entrevistadas, essa atitude não agradou a todos, e uma das justificativas era a de que o prédio do grupo escolar ficaria atrás do prédio do Instituto, sendo escondido pelo mesmo.

Porém era importante, naquele momento, a criação de um Instituto de Educação em Nova Iguaçu, pois o município vinha crescendo e se industrializando e a demanda por educação aumentando. Contudo, o IENI só teve a autorização para o funcionamento pleno através do parecer nº 230 de 10 de fevereiro de 1966, homologado por ato de 18 de maio de 1966 e publicado em Diário Oficial de 18 de agosto de 1966.

O primeiro diretor do Instituto de Educação de Nova Iguaçu foi Simão Sessim, um político da região da Baixada Fluminense, na época ainda professor. Porém, desde a década de 1960, já havia iniciado suas atividades políticas.

Consta em uma das atas encontradas no acervo da escola que a primeira turma do Curso de Formação de Professores formou-se ao término do ano letivo de 1969. Àquela época, o curso normal tinha duração de três anos e destinava-se a formar professores para as séries iniciais do Ensino Fundamental (antigo ensino primário).

O currículo do curso estava organizado de acordo com os regimentos legais da época, a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 4024 /1961). A

mesma foi publicada quase quinze anos após ser prevista pela Constituição de 1946 e, de acordo com Ricci (2007, p. 159), ali “aparece pela primeira vez a expressão ‘diretrizes e bases’ para a educação nacional e se abre a possibilidade de organização de um Sistema Nacional de Educação”.

Apesar de sancionada em 20 de dezembro de 1961 pelo presidente João Goulart, o primeiro projeto de lei fora encaminhado pelo poder executivo ao poder legislativo em 1948, sendo necessários treze anos de debate até o texto final. A LDB de 1961, no tocante à formação de professores, diz em seus artigos 52 e 53 que “a formação do professor para o ensino primário deve ser feita no ensino normal de grau ginasial ou colegial” (BRASIL, 1961), porém não fixa diretrizes específicas para o currículo do curso normal, cuja competência cabia ao Conselho Estadual de Educação (Estado do Rio de Janeiro).

Em seus primeiros anos de funcionamento, o IENI tinha muitos desafios a superar, e começava aí, de acordo com Costa (2004):

(...) a construir sua identidade como estabelecimento de ensino e como um espaço onde várias moças de idades diferentes se encontravam e iniciavam o seu processo de socialização profissional, identificando e sendo identificadas como normalistas – as meninas professorandas do Instituto de Educação de Nova Iguaçu (p. 34).

No início de sua implantação, a escola normal recebeu suas alunas através de transferências de escolas de Nova Iguaçu e de bairros vizinhos, oriundas do antigo curso ginasial.⁷ Algumas entrevistadas, que ingressaram no Instituto nos seus anos iniciais, relatam que existia uma avaliação para o ingresso no curso normal do Instituto de Educação de Nova Iguaçu.

De acordo com o trabalho de Costa (2004), não foi encontrado nenhum documento no arquivo da escola que comprovasse a existência deste exame, porém, ao procurar as fichas de alunas da década de 1960 no acervo da escola, encontramos um documento de contribuição à Caixa Escolar, que requisita a matrícula da aluna

⁷ O antigo curso ginasial dava prosseguimento aos estudos do curso primário. Com a reforma implementada pela Lei nº 5.692/1971, os primeiros oito anos de escolaridade (antigo primário acrescido do antigo ginásio) passaram a constituir o nível de **primeiro grau** de estudos. Atualmente, por efeito da LDBEN de 1996, esse nível de ensino passou a se chamar **ensino fundamental** e, recentemente, sofreu um ano de acréscimo, totalizando nove anos de escolaridade obrigatória por lei. O antigo ginásio corresponde, portanto, às séries finais do atual ensino fundamental (6º ao 9º ano).

Valdenice Cabral de Lima afirmando que a mesma foi aprovada em “exame de seleção” para o IENI, devendo ser matriculada na primeira série do curso normal, o que evidencia a existência de um exame de ingresso para o Curso Normal do IENI.

O perfil do alunado do curso do IENI, segundo consta nos depoimentos analisados, era bastante diversificado. As entrevistadas relembram que as turmas eram cheias, com pessoas de diferentes classes sociais, havendo turmas inclusive com mães e filhas matriculadas.

Outra mudança significativa de legislação em educação nacional que acarretou mudanças na grade e no cotidiano do IENI foi a implantação da Lei 5.692/71 que, de acordo com Ricci (2007, p. 160), “substitui os dispositivos da LDB relativos ao ensino primário e médio, até mesmo atribuindo-lhes outra denominação: ensino de primeiro e segundo graus”.

Em 1974 podemos observar outra mudança de matriz curricular no curso, onde é incluída a Orientação Educacional e Informação Ocupacional, denunciando o caráter cada vez mais profissionalizante que o curso assumia, tendo em vista as disposições da Lei 5692/1971 acerca dos cursos de segundo grau. A partir desse momento, o curso normal perde a especificidade e passa a se denominar “curso de formação de professores para 1ª a 4ª série do primeiro grau”, ou seja, torna-se mais um curso de segundo grau profissionalizante como tantos outros.

Através do depoimento das ex-alunas da instituição podemos perceber que a escola construía uma tradição, constatada nos relatos através dos quais elas narram o fato de terem buscado a escola por este motivo e reconheciam que essa tradição era consolidada pela excelência do corpo docente que ali trabalhava.

A questão da tradição forjada pela excelência de seus professores aparece forte nas memórias de todas as entrevistadas, que relatam, por vezes emocionadas, a qualidade das aulas dos educadores que formavam o corpo docente do IENI. Os valores contidos nesta tradição foram sendo construídos no cotidiano e nas vivências dos atores desta instituição.

De acordo com o estudo de Costa (2004), o primeiro corpo docente do curso normal deste Instituto tinha como um de seus principais desafios manter uma qualidade no ensino que se equiparasse a do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, que à época era a referência de uma formação de qualidade para professores. Criado

em 1932, durante a gestão de Anísio Teixeira à frente da Secretaria de Educação do Distrito Federal, sob inspiração do ideário pedagógico da Escola Nova, esse Instituto substituiria a Escola Normal que já sofrera a reforma de Fernando de Azevedo e foi imaginado com o objetivo de ser um “verdadeiro templo onde os futuros professores iriam absorver a seiva do idealismo renovador, capaz de transformar a escola tradicional em uma nova escola, voltada para o trabalho e para a cooperação” (AZEVEDO, 1931, p.233 *apud* LOPES, 2006 p. 65).

Entretanto, já nos finais da década de 1960, o Instituto de Educação do Rio de Janeiro começou a viver um fenômeno que pode ser definido como “desencanto” com o magistério. Muitas moças da classe média começaram a desistir da carreira, porém as alunas do Instituto de Educação de Nova Iguaçu só vão começar a escolher outras carreiras lá pelo final da década de 1970. Diferentemente do IERJ, o IERP começou a viver seus “anos dourados” a partir do final da década de 1960. Chamo a atenção para o fato de que os “anos dourados” do IERJ, nostalgicamente lembrados pelas ex-alunas como um momento mágico, talvez tenham sido uma construção, como assegura Lopes (2006 a) e, possivelmente não refletissem a realidade. Mais “pé no chão” e, por isso, mais “antenas” com a realidade do país, as normalistas do IENI talvez fossem mais comprometidas com a escola pública que a partir de então se estendeu às camadas menos favorecidas.

É possível, então, que, por conta desse “desencanto”, o IERJ não seja referenciado por nenhuma das entrevistadas como um modelo de Instituto. Pelo contrário, negam de certa forma a importância desse espaço de formação.

Com o decorrer do tempo, outros diretores passaram pelo IENI. Foram eles: Jorcelino Ferreira Dias, Murilo da Silva Alves e Valdir Vilela; e o curso normal da instituição foi se consolidando e estabelecendo suas metas e diretrizes. Isso é percebido em um documento encontrado na escola, que data de 23 de julho de 1974, já sobre a direção de Valdir Vilela. Este documento foi escrito para atender a uma solicitação da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio de Janeiro. O documento era o plano de implantação da reforma do 2º grau na instituição, e nele constam os dados gerais do IENI, recursos humanos, calendário escolar, plano curricular, avaliação do rendimento escolar, plano de adaptação do pessoal técnico-administrativo e o regimento escolar.

No Regimento do Instituto de Educação de Nova Iguaçu vimos que o objetivo principal da instituição era “... ministrar o ensino de 1º e 2º graus, em cursos regulares, dentro das leis e normas estabelecidas pela legislação em vigor, bem como cursos de aperfeiçoamento e treinamento de seu pessoal docente e administrativo”.

O funcionamento do Instituto de Educação de Nova Iguaçu dava-se em turnos diurnos e noturnos com o 1º e 2º graus. Sua organização administrativa e pedagógica era composta dos seguintes setores: Direção, Secretaria Executiva, Conselho de Pais, Conselho Estudantil, Coordenação Geral, Supervisão de Ensino de 1º e 2º graus, Equipe de Assessoria e Planejamento Técnico-Pedagógica (Comunicação e Expressão, Estudos Sociais, Ciências, Formação Técnica, Atividades Comunitárias, Aperfeiçoamento e Extensão), Atividades Auxiliares Pedagógicas (Serviço de Orientação Educacional, Audiovisual, Biblioteca, Equipe de Assessoria e Planejamento Técnico-Administrativo (Secretaria de Ensino, Caixa Escolar, Administração de prédio e segurança) e Atividades Auxiliares Administrativas (Setores de Pessoal, Almoxarifado, Zeladoria, Mecanografia e Assistência Médica-Odontológica).

Com a implantação do Instituto de Educação de Nova Iguaçu, o Grupo Escolar Rangel Pestana não desapareceu. Passaram a funcionar naquele grande espaço as duas escolas. Sabendo do funcionamento do Grupo Escolar e do IENI em um mesmo ambiente, começamos a buscar nos depoimentos das ex-alunas e professoras elementos para entender como se dava a relação entre essas duas escolas, já que a construção do IENI foi motivo de sentimento de revolta nos professores do Grupo Escolar, como vimos anteriormente.

Sobre o funcionamento das duas escolas, as entrevistadas relatam que ambas funcionavam de forma independente, existindo, inclusive, um muro que separava os espaços de cada instituição.

Percebe-se, porém, em um dos depoimentos, que existia uma relação mais próxima entre as instituições à medida que as entrevistadas relatam que as disciplinas de Práticas eram exercidas no Grupo escolar.

Embora as entrevistadas relatem que a relação existente entre as duas escolas era natural, que elas funcionavam independentes e que as mesmas tinham inclusive um corpo de direção diferente, essa “necessidade” de separação entre elas provavelmente reflete o desconforto gerado no corpo docente à época do processo de

construção do IENI, conforme relatamos anteriormente. O sentimento diante da construção do IENI deixava transparecer que aquela instituição era uma intrusa e isso possivelmente pode ter gerado conflitos durante sua implantação.

De acordo com o histórico apresentado no Projeto Político Pedagógico do ano letivo de 2010, tomamos ciência de que durante a década de 1970 tentaram trocar o nome do Instituto de Educação de Nova Iguaçu para Instituto de Educação Getúlio de Moura (antigo prefeito de Nova Iguaçu – 1945), porém esta ideia não contou com a simpatia da população, dos alunos e professores e o novo nome sugerido acabou sendo deixado para trás.

Durante o ano de 1974 foi construído entre as duas escolas (o Grupo Escolar e o IENI) o Ginásio de Esportes Dr. Althair Pimenta de Moraes. Esse fato também foi marcado por um acontecimento imbuído de muito simbolismo, pois o muro que separava o Grupo Escolar Rangel Pestana e o Instituto de Educação de Nova Iguaçu foi demolido e, assim, as escolas, apesar de unificadas, ainda permaneciam com nomes diferentes. Podemos perceber que ambas já se encontravam unificadas no ano de 1974, a partir do plano de implantação da reforma do 2º grau da instituição, datado de 23 de julho de 1974 e escrito para atender a uma solicitação Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio de Janeiro. Neste documento, o item que descreve o espaço físico da escola já menciona a incorporação do prédio do Grupo Escolar, referido como “o prédio do antigo Grupo Escolar Rangel Pestana”.

A entrevistada Maria Lúcia Carvalho de Azevedo reflete sobre como foi importante a construção da quadra de esportes para celebrar a união das duas escolas, pois, segundo ela, a separação existente entre as duas instituições “foi terminando a partir do momento em que a quadra foi sendo construída”. Na visão da professora Sada Baroud David, depois de um tempo a junção das duas instituições acabou sendo positiva.

Porém, somente no final da década de 1970, a partir do decreto nº 2.027 de 10/08/1978, mudou-se o nome do Instituto de Educação de Nova Iguaçu para Instituto de Educação Rangel Pestana. Sendo assim, o IERP (Instituto de Educação Rangel Pestana) surgiu a partir da unificação de duas escolas: o Grupo Escolar Rangel Pestana e o Instituto de Educação de Nova Iguaçu. E, com isso, definitivamente o IERP passa a abranger os dois prédios, porém ainda existia uma separação entre eles, pois o antigo

Instituto de Educação de Nova Iguaçu correspondia ao que era chamado de bloco A e o antigo Grupo Escolar Rangel Pestana era o bloco B. Estas denominações permanecem até hoje na escola.

Sobre a unificação das escolas e a mudança de nome do IENI para IERP, Eliete Ângelo, aluna do curso normal no ano de 1978, relatou-nos que a comunidade escolar não foi consultada. Embora, ao longo dos depoimentos das entrevistadas tenha sido possível perceber que mesmo em uma época de forte ditadura militar, os professores do IENI se mostrassem como profissionais que buscavam conscientizar seus alunos, Eliete nos relata que isso acontecia de forma ponderada e que a mão da repressão também pesou, influenciando em algumas decisões no interior da escola como, por exemplo, no veto do uso da música “Canção da América” para uma festa de formatura.

De acordo com os depoimentos, durante o início da década de 1980, uma discussão forte que circulava na escola era a da necessidade de que houvesse um Concurso para o Estado, que oferecesse vagas para lecionar no Curso Normal. O concurso só aconteceu em 1984, dez anos depois do anterior. O corpo docente era formado em sua maioria, por professores no regime de desvio de função. Este tipo de regime ocorre quando um professor faz concurso para um segmento de ensino e é convocado a trabalhar em outro. No caso do IERP, o professor concursado para o Ensino Fundamental, mediante a conclusão de algum curso superior que tivesse realizado ou como reconhecimento de seu trabalho, era convidado a dar aula no Ensino Médio na modalidade Curso Normal.

O último concurso para professor de disciplinas pedagógicas do curso normal aconteceu em 2007. Essa escassez de concursos talvez denote a tentativa de fragilização do Curso Normal, visando à sua extinção e isso também demonstra a falta de políticas públicas de educação que busquem uma formação inicial de qualidade para as professoras do primeiro segmento do ensino fundamental.

No final da década de 1980, o então diretor do IERP, Franklin Barbosa Fernandes, solicitou o tombamento do prédio do bloco B, correspondente ao antigo Grupo Escolar Rangel Pestana, “considerando a sua importância cultural para a coletividade iguaçuana” (Ofício nº 374/INEPAC/88).

Com o correr dos anos e como forma de reconhecimento à sua notoriedade expressiva no município, que persiste até hoje, o IERP recebeu em 1993 o 1º prêmio

de qualidade de ensino, ficando entre as consideradas dez melhores escolas do estado do Rio de Janeiro (Ofício nº 479/93).

Mesmo tendo sido o Instituto de Educação de Nova Iguaçu a primeira escola pública a oferecer curso de formação de professores da Baixada Fluminense, ela não foi a única a ter sua qualidade evidenciada. Junto com o IERP outras escolas também se destacaram na formação de professores do município, como o Instituto de Educação Santo Antônio, que desde 1936 formava moças no Curso Normal, o Instituto Iguaçuano de Ensino, que iniciou o seu Curso Normal em 1968, e o Colégio Leopoldo, inaugurado em 1930, todas escolas particulares do município e que também ajudaram a construir uma identidade docente na região, à medida que eram instituições reconhecidas como referência de qualidade do curso normal em Nova Iguaçu.

As três escolas particulares já extinguiram seus cursos de formação de professores, sendo o Iguaçuano o último a fazê-lo, tendo como sua última turma do curso normal os formandos de 2009 com 13 alunas apenas. Esse fato se revelou para a escola como uma surpresa ingrata, pois ao longo dos 41 anos de Formação de Professores teve turmas de até 50 alunos. O Instituto de Educação Santo Antônio mantém atualmente um Curso Normal Pós-Médio, que tem a duração de 12 meses, para quem já concluiu o Ensino Médio.

O atual perfil discente do IERP é composto por alunos provenientes de camadas médias e baixas da sociedade, residentes, em sua maioria, do município de Nova Iguaçu, embora oriundos de áreas afastadas do centro, mas também composto, significativamente, por alunos de municípios vizinhos. Ainda, o corpo discente é majoritariamente feminino, egressas de famílias com nível de escolaridade médio e que optam pelo curso pelo fato de o mesmo viabilizar uma entrada mais precoce no mercado de trabalho. A evasão no curso ocorre em maior número no 1º ano.

Ao longo de sua história, o IERP foi *construindo uma tradição*, ou *inventando* essa tradição, como já nos demonstrou Hobsbawm (1984). No entender do autor, “são essas tradições inventadas que estabelecem ou legitimam instituições, *status* ou relações de autoridade” (p. 17).

Com isso, entendemos que o Curso Normal do IERP e a instituição como um todo foram sendo legitimados à medida que sua tradição foi sendo forjada no interior da instituição e disseminada por suas ex-alunas e atuais professoras.

A palavra *tradição* vem do latim: *traditio, tradere*, que significa **entregar**; entregar valores, passar rituais, compartilhar memórias de uma geração para outra. O Curso Normal, independente da instituição a que pertencesse, constituiu-se no ideário popular como um curso de tradição, forjada por seus ritos de entrada e saída, de passagem pelos anos (com as estrelas na gola), com seu uniforme, alvo de desejo das mocinhas, e com suas normalistas, personagens de romances como o de Adolfo Caminha de 1893, ou até de músicas como a de Benedito Lacerda interpretada por Nelson Gonçalves (Linda Normalista, 1949).

É sob o influxo de uma tradição construída nesses 69 anos, completados em 2013, que, desde seu início no Grupo Escolar até os dias de hoje, o IERP se mantém firme como uma escola que se renova e luta diante das mudanças de seu tempo. Forjou uma cultura profissional docente em Nova Iguaçu, ganhando o *status* de instituição formadora que valorizou a profissão docente na região. Nesse espaço institucional gerações de professores se formaram e tanto o seu corpo discente quanto o docente reforçaram suas tradições ao longo desses anos, constituindo e reconstituindo uma identidade profissional. Ensinar, aprender e aprender a ensinar - três dimensões educativas que remontam à história dessa instituição.

Reconstruir a história de uma instituição de ensino a partir dos depoimentos de suas ex-alunas e profissionais nos revelou o reconhecimento dessa instituição como um lugar de construção de identidade profissional, um espaço no qual pessoas e grupos se identificam, se reconhecem, suscitando um sentimento de formação da identidade e de pertencimento através da recuperação de “(...) uma memória que, ao definir o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais”. (Pollak, 1989, p. 3)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BRASIL. Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

BRASIL. Lei nº 4024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

CHAVES, Míriam; LOPES, Sônia. *Instituições educacionais da cidade do Rio de Janeiro: um século de história (1850-1950)*. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2009.

COSTA, Lindara Nobre da. *De normalista a Professora*. Memória e Identidade no Instituto de Educação Rangel Pestana. Monografia de graduação apresentada ao Departamento de História da PUC. Rio de Janeiro, 2004. [mimeo]

HILSDORF, Maria Lúcia S. Francisco Rangel Pestana. In: FÁVERO, Maria de Lourdes de A.; BRITTO, J. (Orgs.). *Dicionário de educadores no Brasil*. Rio de Janeiro/ Brasília: Ed. UFRJ/MEC-INEP, 2002, pp. 388-398.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. *Francisco Rangel Pestana: o educador esquecido*. Prêmio Grandes Educadores Brasileiros: monografia premiada 1987/INEP. - Brasília, 1988. Disponível em: www.cipedya.com/web/FileDownload.aspx?IDFile=155038. Acesso em 10/12/2011.

HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LOPES, Sônia de Castro. *Oficina de Mestres: história, memória e silêncio sobre a Escola de professores do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1932-1939)*. Rio de Janeiro: DP&A/Faperj, 2006.

LOPES, Sônia de Castro. Entre história e memória: os anos dourados da formação docente o Instituto de Educação do Rio de Janeiro. In: *Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação, Goiânia, Goiás, 2006 a.*

LÜDKE, Menga. & ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1986.

MAGALHÃES, Justino. *Contributo para a história das instituições educativas – entre a memória e o arquivo*. Universidade do Minho [mimeo], 1996.

MENDONÇA, Ana Waleska e XAVIER, Libânia. Para o estudo das instituições educacionais da cidade do Rio de Janeiro. In: CHAVES, M.; LOPES, S. *Instituições educacionais da cidade do Rio de Janeiro: um século de história (1850-1950)*. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2009, pp. 11-16.

MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck. Os arquivos e fontes como conhecimento da história das instituições escolares. In: NASCIMENTO, M. I. M. *et al.* (Orgs.). *Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica*. Campinas: Autores Associados/HISTEDBR; Sorocaba: Uniso; Ponta Grossa: UEPG, 2007 (Coleção Memória da Educação).

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São Paulo, nº 10, pp. 7-28, dez. 1993.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, v. 2, n° 3, pp. 3-15, 1989.

RICCI, Cláudia Sapag. A lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e a formação de Professores. In: SOUZA, João Valdir Alves de. (Org.). *Formação de Professores para a Educação Básica*. Dez anos da LDB. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez. Grandeza da pátria e riqueza do estado: expansão da escola primária no estado do Rio de Janeiro (1893-1930). *Revista de Educação Pública*. Cuiabá, v. 19, n. 41, pp. 535-550, set./dez. 2010.

THOMPSON, Edward P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

Recebido em 19 de março de 2014.

Aceito em 19 de abril de 2014.